

Os dingbats como instrumento para documentação e entendimento dos saberes e práticas populares das benzedeiras em Pernambuco

Dingbats as an instrument for documenting and understanding the knowledge and popular practices of healers in Pernambuco

Tadeu Couto, Fátima Finizola

Benzedeiras, Medicina Popular, Pernambuco, Dingbats

Este artigo relata a experiência de criação de uma fonte dingbat durante a disciplina de Tipografia Experimental do Curso de Design da Universidade Federal de Pernambuco – Campus do Agreste, cujo o objetivo principal foi investigar e registrar o universo das benzedeiras de Pernambuco, utilizando a produção de fontes digitais como ferramenta para documentação e transmissão de conceitos significativos do imaginário popular pernambucano. O processo descrito relata as etapas de criação e desenvolvimento até o resultado final do projeto, que compreende uma fonte digital *dingbat* com 26 caracteres elaborada a partir dos elementos mais representativos do universo estudado tais como aspectos da história, cotidiano, práticas e crenças das benzedeiras de Pernambuco.

Benzedeiras, Popular Medicine, Pernambuco, Dingbats

This article reports the experience of creating a dingbat font during the Experimental Typography discipline of the Design Course at the Federal University of Pernambuco - Campus do Agreste, whose main objective was to investigate and record the universe of faith healers in Pernambuco, using the digital typography as a tool for documenting and transmitting significant concepts from the Pernambuco popular imaginary. The described process reports the stages of creation and development until the final result of the project, which comprises a digital dingbat font with 26 characters elaborated from the most representative elements of the universe studied, such as aspects of history, daily life, practices and beliefs of the healers in Pernambuco.

1 Introdução

As benzedeiras, rezadeiras ou também chamadas curandeiras se inserem na ampla esfera de agentes da saúde e medicina popular e estão presentes no cotidiano dos pernambucanos, se caracterizando como um grupo importante para a configuração do imaginário local e para a manutenção desse universo de cura, sensibilidades e fé. Tais mulheres desempenham papéis essenciais em suas comunidades, que as legitimam como sábias e curandeiras. De acordo com Cunha e Assunção (2017) são uma combinação de médicas, terapeutas e benzedeiras que ainda hoje continuam sendo muito procuradas mesmo com a ampliação do acesso da população aos recursos básicos de saúde e educação, revelando que as mesmas,

Anais do 11º CIDI e 11º CONGIC

Ricardo Cunha Lima, Guilherme Ranoya, Fátima Finizola,
Rosangela Vieira de Souza (orgs.)

Sociedade Brasileira de Design da Informação – SBDI
Caruaru | Brasil | 2023

ISBN

Proceedings of the 11th CIDI and 11th CONGIC

Ricardo Cunha Lima, Guilherme Ranoya, Fátima Finizola,
Rosangela Vieira de Souza (orgs.)

Sociedade Brasileira de Design da Informação – SBDI
Caruaru | Brazil | 2023

ISBN

mantenedoras de uma miscelânea de tradições orais, ainda dizem muito sobre os males e agouros que afetam as suas comunidades.

Seus conhecimentos são frutos da simbiose de matrizes culturais diversas, que dialogam na formação da identidade cultural brasileira e se relacionam principalmente com o resgate da ancestralidade africana e indígena. Tais saberes e práticas contribuem para a continuidade dessas ancestralidades, tecendo relações íntimas e de resistência com as comunidades onde estão inseridos, que são subalternizadas através do tempo por processos coloniais instituídos desde a formação do Brasil. Oliveira (2018) afirma que as benzedeiras foram e ainda são um grupo desmerecido na sociedade, principalmente por seus conhecimentos curativos serem empíricos, orais e tradicionais, não compondo uma racionalidade cartesiana nem de ensino formalizado, e portanto desvalorizados e fadados ao desaparecimento.

Diante do risco de esquecimento desta expressão importante da cultura imaterial brasileira, o presente estudo surge a partir de uma atividade proposta na disciplina de Tipografia Experimental, ministrada pela professora Fátima Finizola na Universidade Federal de Pernambuco – Campus do Agreste, e parte da hipótese de que uma fonte dingbat – aquela composta por um conjunto de caracteres não-alfabéticos – pode ser utilizada como instrumento facilitador para o entendimento, documentação e preservação de aspectos e elementos da cultura popular, e especificamente dos saberes e práticas das benzedeiras.

Portanto, o presente artigo apresenta o desenvolvimento de uma fonte dingbat que retrata o universo das benzedeiras de Pernambuco, a partir da identificação de elementos estéticos, simbólicos e míticos e da análise dos símbolos e arquétipos presentes neste contexto.

O uso dos dingbats como ferramenta de registro e preservação da cultura local

A cultura brasileira emerge da intrincada tecitura de saberes e práticas de povos diversos que habitam nosso território, onde cada região mantém e produz, com frequência, novas expressões culturais. Porém de forma cada vez mais rápida, através do processo de globalização mundial, as fronteiras de tempo e territórios se rompem, aproximando comunidades, intensificando as trocas culturais e potencializando a homogeneização entre culturas diversas, como observado por Pichler e Mello (2012):

As fronteiras são extintas e ninguém pode eximir-se de gerar ou sofrer interferências. Com isso, a homogeneização das culturas tornou-se uma preocupação e a globalização a possível promotora do declínio das identidades e da desconstrução do local. (Pichler & Mello, 2012, p.1).

Dessa forma “a cultura está diretamente ligada à noção de identidade, já que, através de símbolos e representações, identifica, singulariza e congrega o que é interno e único, do que é externo” (Pichler & Mello, 2012, p.2). Analisando-se as noções de homogeneização das culturas e declínio das identidades locais, ressalta-se a importância de preservar as vivências, práticas e imaginário das benzedeiras, um grupo tão significativo para a memória de diversos povos ancestrais e que atualmente se depara com a desvalorização e esquecimento de suas sabedorias. É importante destacar também que a maior parte das mulheres que hoje compõem

esse grupo se encontra em idade avançada e nota-se um desinteresse das novas gerações para dar continuidade aos seus fazeres.

Nicolau et al (2010) observam que para expressar nossa cultura, identidade e nos comunicarmos dependemos da utilização de signos:

A base da cultura humana é a linguagem e está constituída pelos signos que chegam às nossas mentes, compostos por um corpo imediato, que é sua constituição, e um corpo dinâmico, que é seu significado. Processamos e organizamos o conhecimento a partir desse processo e constituímos nossa personalidade com os significados dessa existência. (Nicolau et al, 2010, p.17).

Assim, as fontes dingbats de caráter figurativo possibilitam, a partir de seus pictogramas¹, a democracia comunicativa para além do uso dos alfabetos tradicionais, pois é no signo que nos deparamos com uma forma de comunicação natural, ainda mais sensível e pessoal, que não exige alfabetização para identificação e compreensão dos seus potenciais significados.

Pictogramas são elementos visuais que, na contemporaneidade, compõem um sistema de sinalização e comunicação. Sua natureza figurativa e lúdica tem a capacidade de comunicar mensagens complexas. Essa forma de diálogo, em muitos casos, pode quebrar obstáculos linguísticos entre diferentes culturas e níveis de conhecimento. (Moro, 2016, p. 53).

É a partir dessas hipóteses e da possibilidade comunicativa e documental do dingbat, que essa pesquisa se estrutura. Pois, por meio de uma abordagem mais projetual, além de identificar e analisar um fenômeno, também podemos documentá-lo de forma gráfica através de elementos estéticos como traçados, espaçamentos, preenchimentos e formas, a fim de transmitir os conceitos e arquétipos que se ressaltam nos sujeitos estudados, neste caso, as benzedeiras de Pernambuco.

O potencial do dingbat como ferramenta de registro cultural já foi observado anteriormente por Cunha (2019):

Um recorte da produção brasileira de dingbats entre os anos de 1996 e 2006 foi apresentado na exposição Dingbats Brasil, onde grande parte dos projetos utilizou a esfera cultural, tanto a nível regional quanto nacional, como inspiração para a temática das fontes. Ao apresentarem registros e resgastes de elementos como a música, a religião e a culinária, os dingbats acabam por funcionar como uma ferramenta de democratização da cultura nacional através do design. (Cunha, 2019, p. 919).

No entanto, ainda não há registros de pesquisas acadêmicas sob o olhar do design ou de projetos de fontes digitais que investiguem e registrem com maior profundidade a memória cultural das benzedeiras.

¹ Define-se “pictograma” como “sinais que, através de uma figura ou de um símbolo, permitem desenvolver a representação de algo” (Pictograma, [s.d.]).

2 Materiais e métodos

Para a criação do dingbat Benzedeiras foram utilizadas as bases metodológicas de Finizola (2023) propostas na disciplina de Tipografia Experimental da UFPE.

Finizola (2023) apresenta um método para a criação de dingbats dividido em seis etapas, que consistem em: [1] Definir o conceito do Dingbat, a linguagem gráfica a ser explorada e possibilidades interativas (caso necessário); [2] Selecionar imagens de referência; [3] Desenvolver o conjunto de símbolos a partir do desenho (manual ou digital); [4] Vetorizar formas (caso elaboradas manualmente); [5] Exportar caracteres em formato vetorial; e [6] Importar vetores para gerar arquivo final no programa de edição de fontes digitais.

Durante o processo de criação do dingbat também recebemos orientações para eventuais ajustes e escolhas projetuais.

Ademais vale ressaltar que as noções de imaginário presentes nessa pesquisa são norteadas pela teoria do imaginário de Gilbert Durand delimitados por Pitta (2005) que deu suporte para a observação sensível dos fatos, imagens e obtenção de conhecimentos sobre símbolos, sujeitos e narrativas tão complexas quanto as das benzedeiras.

3 Desenvolvimento e Resultados

Inicialmente, no que diz respeito à definição conceitual, a temática do dingbat surgiu a partir de conexões com outro projeto PIBIC² desenvolvido paralelamente através do grupo de pesquisas O imaginário, que tem como delimitação de estudo o universo das benzedeiras através da fenomenologia, estética e imaginário. Dessa forma, a aproximação do tema das benzedeiras ocorreu de forma natural, visando o aprofundamento de questões já pesquisadas e a elaboração prática de símbolos através do exercício analítico e projetual.

Quanto à linguagem gráfica adotada, optou-se pela simplificação das formas e estilo orgânico, tendo em vista que o reconhecimento claro dos símbolos é um fator de relevância para o projeto, considerando a sua utilização como meio de preservação da memória cultural e popular das benzedeiras. Assim foi definido que o conjunto de ilustrações seria elaborado apenas com contornos de espessura uniforme e sem preenchimento, utilizando proporções de tamanhos variadas mas com pesos visuais similares.

Na fase de coleta das referências imagéticas, foram resgatadas memórias de visitas em diversas benzedeiras ao longo da infância e de visitações mais recentes para melhor análise e compreensão dos símbolos e dimensões que permeiam o cotidiano dessas mulheres. Foram identificados os principais elementos presentes no universo delimitado através da observação de suas residências, diálogos com as benzedeiras e memórias compartilhadas que, por

² Os sentidos simbólicos, estéticos, imagéticos e os saberes presentes no fazer de mulheres Rezadeiras/Benzedeiras de Caruaru-PE e Quipapá-PE, Tadeu Rodrigo Couto dos Santos e Mário de Faria Carvalho.

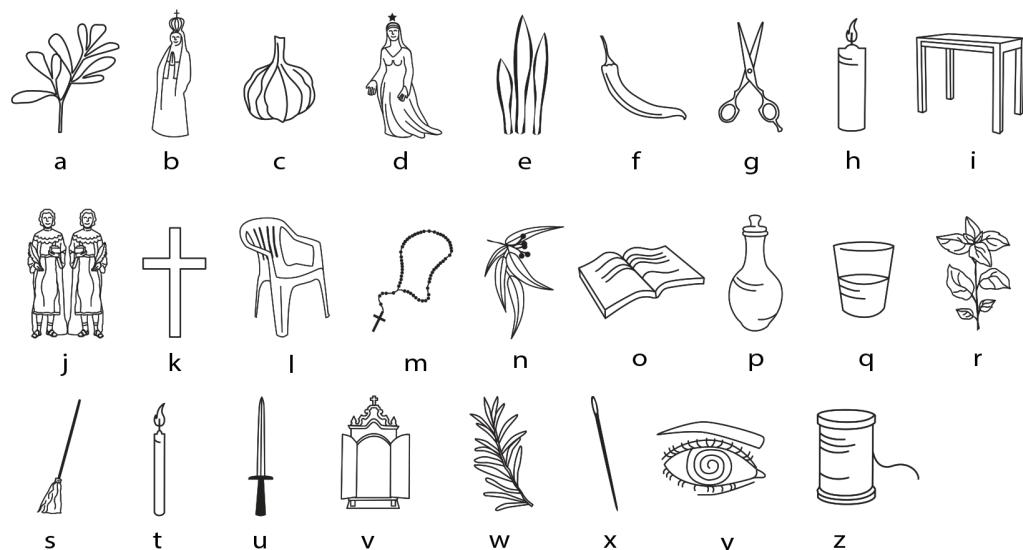
consequência, possibilitaram o reconhecimento de uma essência comum nas narrativas pertinentes a esse grupo. Após a definição dos aspectos que seriam explorados para compor o set de caracteres, foi realizada a catalogação de diversas imagens que serviram de referência concreta para elaboração das ilustrações, dando início a fase criativa (Figura 1). Assim, foram elaborados esboços manuais de 26 caracteres que variam entre artefatos de cura, cotidiano, religiosidade e um símbolo para representação do carrego, popularmente conhecido como mau olhado.

Figura 1: São Cosme e Damião; esboço inicial e caractere “J” do dingbat Benzedeiras. Fonte: Gratispng, s.d.; Compilação do autor (2023).



Após os esboços, as ilustrações foram fotografadas e redesenhadas vetorialmente preservando a economia de detalhes e a precisão das referências concretas e em seguida exportados em formato EPS. Diante do cronograma reduzido destinado à elaboração do projeto na disciplina, ao final foi gerada apenas uma versão preliminar da fonte à título de teste (Figura 2) na plataforma *Calligraphr* em formato OpenType (.otf).

Figura 2: Dingbat Benzedeiras. Fonte: Compilação do autor (2023).



Os caracteres desenvolvidos correspondem respectivamente aos elementos do imaginário das benzedeiras de Pernambuco listados na Figura 3.

Figura 3: Elementos retratados no dingbat Benzedeiras. Fonte: Compilação do autor (2023).

a	Arruda	n	Eucalipto
b	Santa Maria	o	Bíblia
c	Alho	p	Jarro de água benta
d	Iemanjá	q	Copo de água
e	Espada de São Jorge	r	Manjericão
f	Pimenta	s	Vassoura de galhos
g	Tesoura	t	Vela palito
h	Vela de 7 dias	u	Adaga
i	Altar	v	Oratório
j	Cosme e Damião	w	Alecrim
k	Cruz	x	Akulha
l	Cadeira de plástico	y	Mau olhado
m	Terço	z	Linha

Através dos caracteres desenvolvidos foi possível registrar elementos gerais e essenciais do universo particular das benzedeiras, como: [1] ervas para benzimentos, tinturas e garrafadas, também representando as influências indígenas e africanas nesse universo; [2] artefatos do cotidiano utilizados para cura espiritual e corte/remoção dos quebrantos e doenças como o copo de água, adaga e tesoura; [3] representações religiosas tanto católicas, que exemplificam as influências europeias nessas práticas como a cruz, bíblia, terço, água benta e os santos; [4] como também representações de matrizes africanas como Iemanjá e as velas, amplamente utilizadas em oferendas e outras técnicas de cura. Também foram incluídos outros elementos do cotidiano que permitem refletir sobre o contexto social em que essas mulheres estão inseridas como a cadeira de plástico, o altar simples, o oratório, a vassoura de galhos e a linha e agulha, que são utilizadas tanto para costura e sustento próprio de algumas benzedeiras, como também para curas espirituais. Por fim, o caractere que simboliza o mau olhado, o carrego, a maldade e a doença que afetam as pessoas que recorrem às bençãos e sabedorias das benzedeiras.

4 Considerações Finais

O cotidiano pernambucano abrange ricas manifestações culturais e as benzedeiras integram uma parcela responsável pela cura popular e religiosidade que flui da comunidade para a comunidade. Seus saberes formam-se a partir de uma teia construída ao longo do tempo por povos diversos e são transmitidos oralmente, estruturando um compêndio de conhecimentos populares em constante construção que podem vir a desaparecer devido à falta de interesse das gerações mais novas e desprezo vindo de parcelas significativas da sociedade, que classificam suas sabedorias como superstição.

Através do design e da produção de fontes dingbats encontramos uma forma de compreender, documentar e transmitir de forma simbólica elementos significativos desse universo e repensar sobre seus trajetos antropológicos e ensinamentos enquanto algo pertinente para a identidade cultural e gerações futuras. Através dos ícones propostos foi possível redimensionar os trajetos de pensar e enxergar como tais mulheres integram a sociedade junto a suas práticas, culturas e costumes populares religiosos e espirituais, contribuindo para o registro da pluralidade das manifestações culturais populares e transmissão de saberes orais em Pernambuco.

Por fim, como desdobramentos futuros pretende-se aprimorar o resultado final da fonte digital para em seguida criar canais de ampla divulgação e distribuição do projeto.

Referências

- Cunha, L. F. S. (2019). O desenvolvimento de fontes dingbats como ferramenta para a aprendizagem do processo projetual do design de tipos. *Anais do 9º Congresso Nacional de Iniciação Científica em Design da Informação | CONGIC 2019*, 917–925.
- Cunha, L. A., & Assunção, L. C. (2017). Abençoada cura: poéticas da voz e saberes de benzedeiras. *Revista Brasileira de História das Religiões*, 09 (27), 189 –227.
- Finizola, M. F. W. (2023). Aula 8 – Tipografia experimental. [PowerPointSlides].
- Gratispng. ([s.d.]). *São Cosme e Damião Religião Ibeji Umbanda - umbanda 796*1045*. Gratispng. <https://www.gratispng.com/png-7etr2d/>
- Moro, G. H. M. (2016). Emoticons, emojis e ícones como modelo de comunicação e linguagem: relações culturais e tecnológicas. *Revista de estudos da comunicação*, 17. <https://www.cultpop.com.br/artigos/emoticons-emojis.pdf>.
- Nicolau, M. et al. (2010). Comunicação e Semiótica: visão geral e introdutória à Semiótica de Peirce. *Revista eletrônica Temática*, 8. <https://encr.pw/KDI14>.
- Oliveira, F. M. (2018). Breve histórico das práticas de cura das rezadeiras na América portuguesa. *Encontro estadual de história, história e movimentos sociais*, 9, 1–11.
- Pichler, R. F., & Mello, C. I. (2012). O design e a valorização da identidade local. *Design e Tecnologia*, 2(4), 1–9.
- Pictograma. ([s.d.]). *Pictograma. Conceito.De.*: <https://conceito.de/pictograma>
- Pitta, D. (2005). *Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand*. Atlântica.

Sobre o(a/s) autor(a/es)

Tadeu Couto, Graduando em Design, UFPE, Brasil <tadeu.couto@ufpe.br>
Fátima Finizola, Doutora em Design, UFPE, Brasil <fatima.finizola@gmail.com>